



TECNOLOGIA Colégio Maria Imaculada, em São Paulo: projeção do conteúdo do Elefante Letrado, que estimula a leitura

AULA PARA GOSTAR DE LER

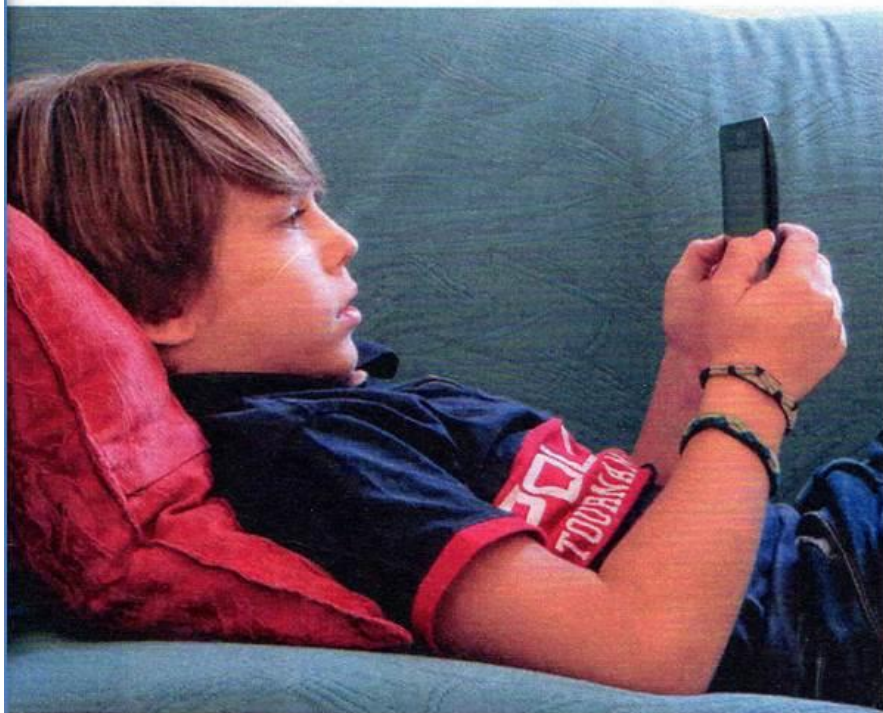
O mundo digital, apontado como o vilão que afasta as crianças dos livros com seus games e vídeos, começa a contribuir para incentivar a boa leitura **MARIA CLARA VIEIRA E BRUNA MOTTA**

LER É UM PRAZER. Ao contrário de tantos outros prazeres, não custa muito caro e está ao alcance de todos. A leitura estimula a mente, ativa a criatividade e amplia o conhecimento. Crianças que aprendem a gostar de livros desde cedo serão adultos mais capazes de se concentrar, de relacionar conteúdo e ideias e de lidar com suas emoções. Por mais que se listem benefícios, porém — e a lista é enorme —, o Brasil continua a ser um país pouquíssimo afeito à leitura (*veja o quadro na página ao lado*), ainda mais num tempo em que livros com-

petem com videogames, séries, desenhos e barulhos de todo tipo nas telas brilhantes de smartphones e tablets. Em um esforço para mudar a prosa, um conjunto de iniciativas nascidas justamente no mundo digital vem aliando tecnologia a boas histórias com o propósito de atrair principalmente o público infantil.

A nova safra de recursos não tem nada a ver com o truque muito usado de apresentar aos pequenos um enredo, às vezes sem pé nem cabeça, que apenas serve de trampolim para jogos e entretenimento. A matéria-

prima das atuais ferramentas é a boa literatura. Os efeitos especiais, as brincadeiras e as competições existem, sim, mas são acessórios, e não a atividade principal. “Brincadeiras têm o efeito de tornar a leitura um ato de prazer, o que ajuda a sedimentar o hábito e contribui para a formação de futuros leitores”, diz o neurocientista Ariovaldo da Silva Júnior, especializado em aprendizagem. O mesmo sentimento prazeroso acompanha o momento em que os pais se sentam para ler com os filhos, outra associação valiosa e duradoura na mente infantil.



FOTOS: JEFFERSON COPPOLA

CLICAR É BOM Cauã lendo *Nautilus*: “Monstros se mexem e fazem barulho”

Uma das iniciativas mais simples e bem-sucedidas nesse ramo é a *Árvore de Livros*, uma espécie de Netflix da literatura. Criação do administrador de empresas carioca João Leal, de 34 anos, a plataforma funciona tal qual o serviço de streaming por assinatura: cada escola paga uma mensalidade e pode explorar um acervo de mais de 10 000 livros, entre obras teóricas, romances, quadrinhos, clássicos, jornais e revistas. Até o sistema de inteligência que mapeia o tempo de consumo e as preferências dos alunos é semelhante ao da Netflix, com a diferença de que os resultados são reportados aos professores e a mais ninguém.

A plataforma, exclusiva para instituições de ensino, firmou acordo com as editoras para a divulgação dos títulos e já atendeu cerca de 100 000 alunos de 221 escolas públicas e privadas; nelas, a média de leitura é quatro vezes maior do que a brasileira. O estudante que acessar os livros da *Árvore* pode nela mesma comentar as obras e trocar indicações com os colegas. “Criamos também campeonatos

de leitura entre as escolas participantes”, conta Leal. A disputa é medida pelo número de livros lidos — e não dá para burlar o controle: ele se baseia em uma tabela que calcula o tempo médio despendido em cada página. Morador de Natal, no Rio Grande do Norte, Caio Lima, de 14 anos, fã incondicional das histórias de detetive de Agatha Christie, sagrou-se campeão nacional de leitura da *Árvore* em 2016, ano em que leu mais de 100 livros inteiros. “Para ele, foi a descoberta de um mundo novo”, afirma a mãe, Kátiusca Lima.

A tecnologia pode ser, de fato, uma excelente alavanca do interesse da garotada pela leitura, aponta o neurocientista Silva Júnior. “Quando se desperta a curiosidade da criança sobre um assunto, ela faz a informação passar da memória de trabalho — a que usamos momentaneamente, para nos lembrarmos de uma informação rápida — para a memória de longo prazo. Assim ela vai percebendo quanto a leitura lhe faz bem”, diz. Outra vantagem de começar cedo, destaca, é



poder explorar a plasticidade do cérebro em plena formação. Isso permite conexões mais numerosas e variadas entre os neurônios, o que, em outras palavras, amplia a capacidade de raciocínio da criança.

O espírito de competição infantil, tão explorado nos games, também é usado na plataforma de leitura *Elefante Letrado*, desenvolvida pela gaúcha Scheila Vontobel, de 33 anos. Mãe de três filhos, Scheila inspirou-se em uma ferramenta em inglês que ativou o hábito de leitura em suas crianças na escola americana em que estudavam, em Porto Alegre. “Elas liam um texto durante quinze minutos e em seguida respondiam a perguntas sobre ele. Os acertos rendiam prêmios e pontos em sala de aula. Procurei fazer algo semelhante em português”, relata. Adotada por 113 escolas no país, com a ambiciosa meta de atender meio milhão de estudantes nos próximos três anos, *Elefante Letrado* oferece livros consagrados com recursos interativos, além do questionário pós-leitura. Usada há três anos no 1º ano



GILBERTO TADDAY

EXEMPLO Escola na Finlândia: no país campeão da leitura de qualidade, a média é de quase três bibliotecas por município

do ensino fundamental — o da alfabetização — do Colégio Maria Imaculada, de São Paulo, a plataforma tem feito sucesso entre os pequenos alunos. “Eles ficam animados diante de uma biblioteca virtual com tantas opções”, diz a coordenadora pedagógica Marcia Reda.

São várias as explicações para a baixa taxa de leitores no Brasil em todas as classes sociais. O livro não faz parte da vida das pessoas. “Ler significa ter o livro acessível, próximo do leitor. Fora dos grandes centros, não há livrarias nem bibliotecas atualizadas”, diz Luís Antonio Torelli, presidente da Câmara Brasileira de Livros. A falta do hábito de leitura — agravada, no caso dos mais pobres, pela alfabetização capenga — cria um ciclo difícil de romper. “Muitos não entendem o que leem e se sentem desmotivados porque sabem que será um pro-

cesso desgastante”, diz João Batista Oliveira, do Instituto Alfa e Beto. Os próprios professores penam para encontrar tempo e disposição para a leitura e acabam não dando aos estudantes o empurrão necessário.

Os recursos digitais estão pouco suprimindo o vazio da combalida infraestrutura. Um exemplo são aplicativos como os da startup paulista StoryMax — cada um, um clássico da literatura revisitado —, que já renderam dois prêmios Jabuti, uma das mais prestigiadas honrarias literárias do país, a seus criadores, a editora Samira Almeida, 36 anos, e o programador Fernando Tangi, 38. Lançado em 2013, *Frankie for Kids* é uma adaptação do clássico *Frankenstein*, de Mary Shelley, para crianças — com menos terror e muita tecnologia. *Nautilus*, de 2017, é a simpática versão ilustrada e cheia de animações de *Vinte Mil Lé-*

guas Submarinas, do francês Júlio Verne. “Não queremos que os recursos de interação desviem a criança da história. Os redatores do texto adaptado trabalham em conjunto com o pessoal da tecnologia”, ressalta Samira.

O paulista Cauã, de 9 anos, mergulhou com entusiasmo na versão digital da consagrada viagem submarina de Verne. “Clicando nos monstros, eles se mexem e produzem sons. Gosto de livros em que eu possa fazer alguma coisa. Ler assim é mais legal do que no papel”, comenta. Outra ferramenta de leitura, a Guten News, criada há quatro anos em São Paulo pela administradora de empresas Danielle Brants, 37 anos, reproduz uma revista semanal com reportagens e notícias em linguagem adaptada ao universo infantil. “O conteúdo trata da realidade das crianças, como o problema da febre amarela. Elas se atua-

MAIS E MELHOR

Em uma pesquisa com 61 países que leva em conta a quantidade de leitura e as condições favoráveis para a sua prática, a Escandinávia aparece na linha de frente e o Brasil, na de trás



1º	FINLÂNDIA
2º	NORUEGA
3º	ISLÂNDIA
4º	DINAMARCA
5º	SUÉCIA
6º	SUIÇA
7º	ESTADOS UNIDOS
8º	ALEMANHA
9º	LETÔNIA
10º	HOLANDA
—	
43º	BRASIL

Fonte: Universidade Estadual Center Connecticut

lizam e vão atrás de mais informação”, diz Danielle.

Assim, de tablet em tablet, o mundo da literatura vai se abrindo a crianças em um país onde o ambiente é desfavorável à leitura — exatamente o oposto do que ocorre nos países nórdicos, os primeiros do ranking global de leitores, o mesmo em que o Brasil patina na 43ª posição. A título de comparação: a campeã Finlândia tem quase 800 bibliotecas para 311 municípios, e todos eles dispõem de ao menos uma; no Brasil, os 5 570 municípios contam com 7 166 bibliotecas, a maioria concentrada no Sul e no Sudeste, ficando um naco do território à míngua. Nesse cenário inóspito, qualquer iniciativa para estimular os pequenos brasileiros a gostar de ler é muito bem-vinda. ■

MEC: SINAIS DE VIDA INTELIGENTE

Aleluia! Agora se considera a experiência profissional dos professores

OS MAIS IMPACIENTES julgam que, se fosse fechado o MEC, as coisas iriam melhor. É difícil dizer. Mas é certo que ele está prejudicado na sua função principal: zelar pela educação do país. Isso porque nem tem escolas nem tem poderes diretos sobre os estados e municípios que as têm. Pode fazer alguma coisa, mas nem manda nem financia.

Nas suas funções de cuidar do ensino superior, criou um labirinto de exigências burocráticas. Estas nem sempre levam aos resultados esperados, além de complicar a vida de todos e ser um gentil convite para a pequena corrupção.

O Enade faz do Brasil o único país a medir o que aprenderam os alunos ao se diplomar. Sendo assim, para que escarafunchar tanto os processos, se a medida do produto é confiável? Mal comparando, o *Guia Michelin* avalia a gastronomia oferecida pelos restaurantes, ignorando a marca do fogão e os diplomas do *chef de cuisine*. Por que não fazer o mesmo?

Mas, o que é pior, o MEC julga todos os cursos pela quantidade de diplomas de mestrado e doutorado dos professores. Isso é ótimo na física. Mas e na educação física? De fato, por razões históricas, trata as áreas profissionais igualzinho às acadêmicas. Os professores das engenharias são avaliados pelos diplomas e pela quantidade de papers, e não pela sua excelência na profissão. Sendo assim, para melhorar as notas perante o MEC, vale a pena defenestrar professores com décadas de vivência no mundo real e contratar jovens doutores que jamais entraram em uma fábrica ou canteiro de obras. Nos cursos de administração, se nossos gran-

des executivos virassem professores, fariam baixar a nota do curso junto ao MEC, já que não têm Ph.D. E isso não é diferente nas demais áreas profissionais.

De quebra, pelas regras da dedicação exclusiva, os professores das universidades federais não podem ter experiência nas fábricas. Menos mau que, nesse particular, há amplo descumprimento!

Aleluia! Em uma portaria recente (Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação/Inep), o MEC começou a considerar também a experiência profissional dos professores — em paralelo aos diplomas. Faz mais de trinta anos que insisto nisso. Mas não acredito que a mudança tenha sido influenciada pelo meu patético espernear. Importa a retificação de um cacoete antigo.

Nesse mesmo documento, o MEC passa a reconhecer que livros e periódicos em formato digital são um item integrante e

igualmente valioso de uma biblioteca universitária. Por muitos anos, ouviam-se casos de bibliotecas alugadas, apenas para a liturgia das visitas iniciais do MEC. Terminada a visita, um caminhão levava os livros — para o próximo curso a ser visitado. Vacinado contra essas malandragens, além de valorizar agora o acervo eletrônico, o MEC está às voltas com a nova e legítima preocupação de saber se a assinatura dos periódicos digitais tem uma duração aceitável ou vai evaporar-se no dia seguinte. Pela segunda vez, aleluia!

Uma reforma em profundidade no MEC é como o trabalho de Hércules de limpar as cavalariças de Áugias: missão para décadas. Mas, pouco a pouco, alguns reparos vão aparecendo, como os dois acima citados. ■



WEBERSON SANTIAGO